

Ariadne Nunes

Universidade Nova de Lisboa
ariane@addition.org

**Meirim, Joana (coord.). *E a minha festa de homenagem. Ensaios para Alexandre O’Neill*. Lisboa: Tinta da China, 2018. 262 pp.
ISBN 978-989-671-397-3**

O livro segue-se ao *Colóquio do O’Neill. 30 anos + 1 mês*, pretendendo ambos responder “sem ironia” – como é salientado desde logo na introdução da organizadora Joana Meirim – à crónica de Alexandre O’Neill, publicada em 25 de Setembro de 1973, no jornal *A Capital*, com título idêntico à deste livro, e nele reproduzida em fac-símile. A ordem de apresentação das comunicações no referido colóquio é a seguida na edição dos textos, com a excepção do texto inaugural do volume, de Fernando J.B. Martinho, republicação de um ensaio impresso originariamente na *Colóquio/Letras* de Maio-Junho de 1987.

As duas iniciativas, livro e Colóquio, pretendem prestar homenagem a um poeta crítico e desconfiado face tanto à fama póstuma como à crítica literária. Fazem-no incitando à leitura de O’Neill, uma vez que, como afirma Graça Videira Lopes no seu ensaio, “escrever sobre um autor, ou ler o que outros escrevem, é também um excelente pretexto para reler a sua obra” (75). Sendo este volume de ensaios para Alexandre O’Neill uma obra de crítica literária, pressupõe a leitura do poeta, e responde ao apelo da crónica de O’Neill – “Lede tudo, sobretudo as obras...” –, em regra vista como expressão da desconfiança do poeta perante o “discurso *sobre*” (Lopes, 150) e a fama póstuma.

A posteridade e o papel da crítica são, no entanto, matéria de vários dos seus poemas e crónicas, como acaba por ser salientado pelo conjunto dos ensaios reunidos neste livro, em que cada um deles reflecte sobre aspectos ou temas específicos da obra de O’Neill: a relação com outros poetas (Pessoa, no ensaio de Fernando J. B. Martinho; Carlos Drummond de Andrade, José Cutileiro e Manuel Alegre, no ensaio de Clara Rocha);

a classificação de O'Neill como poeta surrealista, satírico, futurista ou concretista (cf. os ensaios de Fernando Cabral Martins, Carlos Nogueira, Graça Videira Lopes e Sara Lacerda Campino); a análise de diversas facetas da sua actividade – artista plástico, homem de teatro, tradutor, publicitário ou a vertente política da sua poesia – vejam-se os ensaios de Fernando Cabral Martins, Miguel-Pedro Quadrio, Alexandra Lopes, Miguel Tamen e Burghard Baltrusch; reflexões sobre o tópico da modéstia (Joana Meirim) e sobre a operacionalidade das ideias de violência e de signo para a poesia de O'Neill (Gustavo Rubim); ou a análise de poemas casuísticos, nos ensaios de Nuno Amado e Sebastião Belfort Cerqueira.

Apesar da diversidade temática, reconhece-se como fio condutor dos ensaios que compõem o livro o carácter auto-reflexivo da poesia de O'Neill, resultado da meta-poética implicada na reflexão sobre o papel da crítica e no problema da fama póstuma da poesia de O'Neill. É talvez por isso que os poemas citados se vão repetindo nos ensaios: títulos como “O revólver de trazer por casa”, “Autocrítica”, “caixadòclos”, “Saudação a João Cabral de Melo Neto”, “O lanterna-vermelha”, “Pequeno aviso do autor ao leitor” aparecem várias vezes ao longo do livro, contribuindo para uma ideia de unidade do volume.

Dois ensaios podem ser vistos como paradigmáticos da análise feita em *E a minha festa de homenagem? Ensaios para Alexandre O'Neill*. Por um lado, o de Carlos Nogueira, a propósito da sátira em O'Neill. Nele se destacam os temas característicos da poesia do autor – “Portugal, os portugueses e a língua portuguesa literária e oral”, “as grandes questões existenciais (o significado da vida, as relações interpessoais, a morte, a passagem do tempo)” (71) –, salientando-se, simultaneamente, que o problema maior com que se debate a sátira de O'Neill é a “busca da sua identidade e do seu significado”. Carlos Nogueira mostra que O'Neill se discute “autoreferencialmente”, tanto quanto à “metodologia pela qual define os sentidos da sua (des)proporção e da sua (des)medida enquanto expressão mental e expressão literária”, como aos “resultados no próprio eu e nos outros (no objeto satirizado e nos leitores)” (72). É, portanto, um ensaio que debate expressamente o carácter auto-reflexivo da poesia de O'Neill, identificando-o como a principal característica da sua obra poética.

Por outro lado, o ensaio de Miguel Tamen que se, como diz Joana Meirim na Introdução, “pode não falar muito da poesia de O'Neill” (16), é uma reflexão sobre o que é a poesia. Seguindo O'Neill, Tamen afirma que a poesia não pode ser um trabalho (no que se distingue da publicidade, actividade a que O'Neill se dedicava profissionalmente) e que o que a caracteriza “não é uma questão de linguagem” nem, por consequência, “de mensagem”. O ensaio de Tamen é, todo ele, a pretexto de O'Neill publicitário, uma reflexão teórica sobre o que é a poesia, para ser lido a par da reflexão meta-poética de O'Neill que nos é dada a ler nos outros ensaios.

O carácter da tradução como exercício de leitura que implica e, portanto, como expressão do próprio que traduz é salientado no ensaio de Alexandra Lopes “‘Gosto deles assim tão sem futuro’ – Apontamentos dispersos (e provisórios) sobre O'Neill tradutor”. A partir da leitura das crónicas de O'Neill, reunidas na colecção *Uma Coisa em forma de assim*, Lopes parte da dicotomia entre crítica e leitura que resulta da desconfiança que é identificada como de O'Neill relativamente à crítica literária, para afirmar a importância da leitura e de um relacionamento “amoroso” com o texto, a partir do próprio O'Neill (146). O carácter relacional da poesia, que se destina a ser lida, é salientado, questionando uma noção de originalidade, uma vez que qualquer criação implica também uma relação com todas as obras, designadamente literárias, que precederam o autor. Como não há criação sem filiação a antecedentes – o que permite a construção de “um cânone pessoal alternativo” (149) –, a originalidade por si não existe. As traduções de O'Neill são também exercícios de leitura, com o duplo objectivo de divulgar autores desconhecidos dos leitores portugueses da época e de identificar aqueles que passariam a fazer parte do seu cânone próprio. Assim, ler e dar a ler os outros implica ler-se a si e dar-se a ler a si. Ao traduzir, lê-se e dá-se a ler, sem a necessidade de uma explicação adicional, mas está-se sempre a dizer o texto traduzido de uma maneira diferente daquela que foi dita pelo autor originário. Nesta medida, digo eu, a crítica literária não será uma actividade assim tão distante.

Se “ler um poeta é melhor do que escrever sobre ele” (Lopes, 150), na medida em que ler sobre ele nos leva a lê-lo, não haverá melhor

homenagem nem resposta ao apelo de O'Neill do que dedicar-lhe um livro de estudos. Este tem ainda o mérito de terminar com um conjunto de poemas de Ramiro S. Osório que, como afirma Joana Meirim (18), “poderiam ser apócrifos de O'Neill”, remetem e incitam, também eles, à leitura de Alexandre O'Neill.